

Processo de inclusão social a partir do acervo do museu do homem do nordeste

Silvia Celeste Brasileiro

Museu do Homem do Nordeste / Fundação Joaquim Nabuco - Pernambuco

É uma honra participar desse **Seminário Internacional Diálogos em Educação, Museu e Arte**, tendo a oportunidade de compartilhar com vocês experiências, reflexões e opiniões, em torno dos trabalhos realizados pela **Coordenação de Programas Educativo-Culturais – COPEC** do Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco.

Dentro do tema proposto, **Processos de inclusão social a partir do acervo do Museu do Homem do Nordeste**, considero relevante tecer algumas considerações sobre nossa ação educativa, discutidas no Museu desde a sua criação, quando o sociólogo e antropólogo, Gilberto Freyre, já trazia em seu discurso a opinião de que, “quem diz museu, diz centro de comunicação intelectual da espécie mais atraente, no seu modo de ser educativo”.

Baseadas nessa premissa, é que as ações educativas desenvolvidas pela COPEC estão centradas num trabalho sistemático de educação não formal, envolvendo estudantes, professores e demais segmentos da sociedade, onde as práticas educativas estão vinculadas ao paradigma da Museologia Social – tendo o objeto como prolongamento do sujeito. Esse pensamento reforça nossa ação de termos como pressuposto, atuar com aproximação, em sintonia com o público, como agente de interação com o patrimônio cultural, favorecendo a ressocialização dos objetos e, principalmente,

oferecendo “repertório para a negociação”¹ para que esse público atue como sujeito integrante desse processo.

Nas ações voltadas para a formação de público, entendemos que as exposições, seminários, festivais, os mais diversos trabalhos de ações comunitárias e projetos voltados às escolas, aos alunos e professores, são atividades propícias ao maior estreitamento da relação do Museu com os seus públicos.

O trabalho realizado pelo Museu, seja de um programa de pesquisa e de preservação, entrevistas, visitas às comunidades, inventários, mapeamentos de manifestações populares ou não, cessões de acervos para o país e fora dele, ganham sentido, no momento em que o público reconhece e, acima de tudo, incorpora e faz uso desses acervos culturais e os questiona.

Entendida como permanente na vida do Homem, a Educação se dá no Museu a partir das questões relacionadas à identidade e à pluralidade cultural, com a preocupação de que o cidadão busque seus próprios caminhos. Para isso, desenvolvemos alguns programas permanentes, a exemplo da **Mediação Compartilhada** – que se constitui numa parceria entre o mediador do Museu e os grupos visitantes. Para isso, o Museu desenvolve cursos de formação profissional, tendo nossa exposição de longa duração como referência, voltados para os professores e os mediadores. Ainda dentro da perspectiva de interação, realizamos sistematicamente o **Encontro Museu e Professor**, que reúne gestores e professores das redes de Ensino, agentes culturais, educadores sociais, educadores do Museu e convidados, constituindo-se num fórum permanente de debates sobre a Educação em Museus. Em parceria com a Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Recife, realizamos o projeto **Uma noite no Museu**, que atende, exclusivamente, estudantes das escolas públicas municipais, inseridos no Programa de Educação de Jovens e Adultos - EJA, e que não têm acesso a esses espaços nos horários convencionais destinados à visita do público. O Museu abre

¹ Paula Assunção, mestre em museologia Reinwardt Academy, Amsterdam, na palestra proferida no Seminário Avançado de Museologia Social, realizado no Museu do Homem do Nordeste, em maio 2010.

uma vez ao mês, no horário noturno, onde realiza visita mediada, atendendo aos roteiros pré-estabelecidos pelo professor visitante, em sintonia com o educador do Museu. Essas leituras, por parte dos alunos, geralmente são carregadas de espanto, admiração, surpresa, assombro e muita emoção, quando eles se reconhecem no espaço expositivo, ao entrar em contato especialmente com os acervos referentes ao ciclo do açúcar, do gado e afrobrasileiro. Nesses momentos, percebemos na prática o papel do Museu Social na vida dessas pessoas, pois fica nítida a apropriação dos objetos aos sentimentos de pertença, provocando a aproximação afetiva do objeto com o público, proporcionando a ampliação do repertório.

Acreditamos que cabe, não somente à escola, mas principalmente à família ser partícipe do processo de reconhecimento da importância dos bens culturais, na formação da identidade de crianças e jovens. Por isso, criamos o programa **Família no Museu**, planejado a partir da observação de que essas crianças e jovens visitam o Museu quase sempre trazidas pelas escolas e, numa escala bem inferior, pela família. No programa, promovemos a visita mediada à exposição de longa duração "Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos" e a participação da família nos jogos, brincadeiras, leituras de objetos, como também se posicionando, de como vêm o Museu. O programa é gratuito e, a cada mês, é escolhido um tema central, associado ao acervo do Museu.

Baseados nas reflexões acerca do patrimônio cultural na compreensão da identidade cultural – imprescindíveis como suportes para a inclusão social e cultural –, entendemos ser imperativo que o museu desenvolva projetos que venham favorecer a democratização desses bens e a produção cultural. Conjugando as ações educativas e culturais exercidas com a utilização do acervo do Museu ou não, e também com trabalhos temporários e itinerantes de parceiros, é que realizamos um programa guarda chuva, intitulado **Artesão no Museu tem vez** que, ao englobar artesãos tradicionais e jovens artesãos, reforça o papel do Museu como referência de apoio ao artesão popular, através da valorização e divulgação do artesanato da região Nordeste

do Brasil, bem como, qualificar-se como pólo aglutinador dos produtores da arte popular e de formação e divulgação de novos artesãos.

Desse Programa, destacamos dois projetos que, a despeito de terem sido criados a partir de ações pontuais, estão hoje inseridos nas ações educativas do Museu de forma permanente. Destacamos, assim, o projeto **Brinquedos Populares do Recife**, formado por mestres artesãos que sobrevivem da comercialização dos seus brinquedos e participam de uma série de atividades, onde o brinquedo e as brincadeiras são os protagonistas, a exemplo da *Feira Atividade: brinquedos e brincadeiras populares*, realizada desde 1987. Foi idealizado a partir do acervo do Museu, que contempla em um dos seus módulos, os brinquedos populares da região: rói-rói, bruxa de pano, mané-gostoso, carrinhos, entre muitos outros. As crianças que participam das atividades lúdicas realizadas pelo projeto – tanto na visita ao Museu, como centradas no saber tradicional dos artesãos – se reconhecem nesse universo cultural.

Quando iniciamos o trabalho, realizamos uma pesquisa de campo nos logradouros onde residem os mestres, formatando um diagnóstico sócio-econômico e cultural dos trabalhos, técnicas e brinquedos produzidos pelos artesãos selecionados. Além de conhecermos os seus trabalhos, tínhamos o objetivo de criar uma comunicação simétrica com eles, de estarmos mais perto e, conseqüentemente, conquistar a confiança desses homens e mulheres, estabelecendo a parceria Museu e artesão. Esse projeto tem uma série de desdobramentos positivos para os artesãos, no que diz respeito à inclusão social, quando é evidenciada a dignificação das diversas formas da criatividade popular; quando proporcionamos o desenvolvimento e o estímulo a uma melhor e maior produtividade; oportunizamos a criação de negócios, ampliando a comercialização do produto em feiras e loja do Museu, no Recife e outros estados; e ao estabelecermos uma parceria com o Artesanato Solidário² e, mais recentemente,

² Artesanato Solidário/ ArteSol, com sede em São Paulo, é uma organização da Sociedade Civil que tem como objetivo a revitalização do artesanato de tradição para geração de trabalho e renda. O Artesanato Solidário reconhece no saber tradicional do artesanato popular um patrimônio cultural capaz de gerar renda para os artesãos e melhorar a qualidade de vida de suas famílias.

ao atuarmos diretamente nas ações patrocinadas pelo PROMOART³, para o qual os artesãos foram selecionados.

O trabalho com esses mestres de brinquedos tem sido uma rica experiência para o Museu, que tem a oportunidade de conviver diretamente e aprender com esses produtores culturais, detentores do saber e do fazer. É também importante para o Museu perceber a desenvoltura conquistada por esses mestres que, ao se sentirem em casa, demonstram a satisfação de participar ativamente das nossas ações educativas e culturais. Nesse sentido, o Museu cumpre sua função social de possibilitar aos mestres um rico repertório sobre o tema, através da sua coleção de brinquedos populares – a impulsionadora do processo – que, aliado às suas experiências de vida, estimulem os mestres a seguirem com seus ideais e fortaleçam o sentimento enquanto produtores culturais.

O projeto **Formação do Jovem Artesão** é um programa realizado pelo Museu, em parceria com o Movimento Pró-criança, que visa a formação profissional continuada de jovens de baixa renda, entre 15 e 21 anos, no segmento do artesanato, unindo as referências culturais do artesanato de raiz da região Nordeste do Brasil às linguagens contemporâneas, fazendo da produção cultural uma alternativa de atividade econômica geradora de renda para os jovens e suas famílias, consolidando o Museu como espaço de educação não formal.

Iniciado em 2004, o projeto reúne uma equipe multidisciplinar que trabalha em parceria, compartilhando metas e ações, que busca agregar potenciais e convicções educacionais inseridos na proposta educativa e cultural do Museu, centrada na perspectiva transformadora de Paulo Freire, quando desperta a compreensão da diversidade sociocultural, a valorização e relação com o patrimônio integral e os

³ PROMOART, Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural, que está integrado ao Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura, criado com a finalidade de apoiar grupos de artesanato de tradição cultural.

princípios da cidadania, a partir do cotidiano desses jovens. O projeto pedagógico é desenvolvido a partir da educação centrada nos bens culturais, que prioriza um olhar especial para o nosso acervo antropológico, ricamente representado pelos diversos pólos artesanais da região. A formação dos jovens tem a duração de dois anos e o seu método é pautado em dois eixos básicos: eixos formativos, onde são trabalhados arte/artesanato, produto artesanal e indivíduo; e atividades de acompanhamento, com as aulas passeio e vivências práticas.

O projeto é iniciado através do diagnóstico sócio-cultural e econômico de uma comunidade, essencial para nortear as diretrizes do trabalho e determinar a escolha do produto a ser desenvolvido, a partir da matéria-prima local, a exemplo do grupo de jovens atendidos no município de Araçoiaba, situado a 70 km da capital pernambucana. O mesmo aconteceu com o grupo Jovem Artesão 4, formado por jovens moradores do Morro da Conceição, comunidade localizada na RPA 3 de Recife, área onde está localizado o Museu. Quando feito o diagnóstico, os produtos desenvolvidos refletiram o multiculturalismo do Morro, representado a partir das técnicas e conceitos de moda e estamparia.

Soma-se a isso, um extenso trabalho realizado nas oficinas voltadas para ações associativas, que visam fomentar o trabalho coletivo e estimular a formação de uma associação. Fazem parte desse bloco, as oficinas de formação de preço justo, aliadas aos cálculos do tempo, valor das matérias primas e mão de obra. Entre as ações de valorização e difusão do trabalho dos jovens foram efetivadas ações para abertura de mercado regional e nacional, com a participação em feiras, seminários e outros eventos, além de rodadas de negócios com empresários do setor e comercialização sistemática na loja do Museu. Os jovens também desenvolvem ações multiplicadoras do Projeto, quando realizam oficinas de repasse de alguns produtos nas comunidades onde residem.

Consolidado na Fundação Joaquim Nabuco, o projeto de Formação do Jovem Artesão está inserido no planejamento plurianual do Ministério da Educação, no *Programa*

Garantia e Acesso a Direitos, sendo considerado prioritário nas ações da Instituição. A realização desse projeto, além de fortalecer o trabalho educativo e cultural do Museu, agrega valor às instituições parceiras ao participarem de uma ação de educação e responsabilidade social, com nítidos resultados positivos, em relação à desenvoltura profissional, domínio de técnicas artísticas e qualidade do produto artesanal. Por isso, após a conclusão do período de formação, o Museu estende o acompanhamento aos grupos, quando cria oportunidades de negócios para os jovens, amplia a comercialização dos produtos e atua como agente multiplicador, inclusive, contratando-os para atuar na loja e receptivo do Museu, assim como, inserindo-os no Programa de Estágio da Fundação Joaquim Nabuco.

Os resultados alcançados nesses projetos rompem a visão tradicional de que Museu é apenas mais um recurso pedagógico para professores e alunos e apontam para pensarmos o Museu como instrumento de inclusão social e cultural que, através dos seus acervos, favorece a ampliação do olhar, além do crescimento pessoal, intelectual e estético desses mestres e jovens artesãos. Essas conexões e contextualizações entre os acervos do Museu, os produtos, os produtores e suas visões de mundo, reforçam a importância da preservação e valorização do patrimônio cultural e faz nos reconhecermos como espaços estratégicos para o desenvolvimento de políticas públicas de educação e cultura para o Brasil.